

SARAH LOTZ

autora de *Os Três*

O  
QUARTO  
DIA





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Para meu pai, Alan Walters*  
(também conhecido como “O Doutor”)

## Bem-vindo a bordo do *Belo Sonhador!*

*Parabéns por escolher um Cruzeiro Foveros,  
sua passagem somente de ida para o Relaxamento  
e a Diversão! Diversão! Diversão!*

★ ★ ★ ★

Inicie as Melhores Férias da Vida com um coquetel num dos nossos muitos bares ensolarados enquanto nossos músicos tocam as canções mais marcantes de todos os tempos. Em seguida, refresque-se na piscina e deslize nos tobogãs Maravilha Aquática Foveros®. Deu fome? Sem problema! Nossos salões de jantar e bufês oferecem verdadeiros banquetes à sua escolha, de iguarias criadas por chefs renomados até comidas caseiras deliciosas, do jeito que a mamãe fazia! Ah, e não se esqueça do nosso fantástico spa: você merece esse mimo! Os shows de cabaré são imperdíveis, portanto acomode-se nas poltronas e prepare-se para se divertir como nunca! Aproveite o sol numa das nossas muitas empolgantes excursões, quando poderá fazer compras até se fartar em nossas muitas franquias, mergulhar nos mares azul-turquesa, cavalgar em praias lindas e desfrutar de um jantar ao ar livre em nossa fabulosa ilha privativa. E por que não fazer uma visita ao Cassino Agradável Sonhador? Pode ser seu dia de sorte!

# **1º, 2º e 3º DIAS**

---

Viagem relativamente tranquila.

**4º DIA**

---

## A ASSISTENTE DA BRUXA

Maddie esperou até que Celine estivesse na metade do monólogo de abertura, então passou entre as poltronas que lembravam cápsulas e seguiu para a área vazia nos fundos do Lounge Sonhador das Estrelas. Estava quase lá quando a voz do diretor do cruzeiro trovejou no sistema de alto-falantes, abafando a fala de Celine para lembrar a todos que as festividades do ano-novo teriam início “duas horas antes da hora H”.

– Vozes do além... – gracejou Celine, porém Maddie não foi enganada por essa demonstração de bom humor.

Durante o dia inteiro, Celine se comportara como um rottweiler com dor de dente, brigando com o contrarregra quando ele rasgara seu vestido ao prender o transmissor do microfone na cadeira de rodas e reclamando que o refletor não estava na posição correta para criar um halo em seu cabelo.

– Estejam certos... – continuou Celine assim que o anúncio terminou. – Quando todos voltarmos para casa, descansados, bronzeados e talvez com uns quilinhos a mais... – ela esperou que os risos cessassem –... vocês não estarão sozinhos. Amigos, depois de todos os anos que passei ajudando pessoas a entrar em contato com os que fizeram a passagem, há duas coisas de que tenho certeza: a primeira é que a morte não existe; a segunda é que as almas dos que deixaram o mundo físico estão sempre conosco...

Com Celine de volta aos trilhos, Maddie se permitiu relaxar. Encostou-se numa coluna e massageou o pescoço, tentando, em vão, acabar com a dor de cabeça que a incomodava desde o primeiro dia do cruzeiro. Provavelmente era apenas um efeito colateral do medicamento contra o enjoo, mas o ambiente espalhafatoso também não ajudava. Quem quer que tivesse projetado a decoração do navio era fissurado por néon no estilo de Las Vegas e por anjos nus; a qualquer lugar que se fosse, era

impossível não se ofuscar com uma palmeira iluminada ou receber o olhar malicioso de um querubim. De qualquer modo... só mais uma noite e ela estaria livre daquele inferno flutuante. A primeira coisa que faria ao voltar ao apartamento seria se deixar afundar na banheira e esfregar a pele até arrancar todos os resquícios do navio. Depois pediria um jantar para viagem do Jujubee's – chafurdaria no especial de caranguejo com macarrão de arroz e alho extra. Podia se dar ao luxo de ingerir muitas calorias, pois devia ter perdido pelo menos 2 quilos naquela semana.

– Ei, gata – alguém sussurrou em seu ouvido.

Maddie se virou e viu Ray, o olhar fixo nos seus seios. Ele havia trocado a bermuda com camiseta azul-marinho de sempre por uma Levi's e uma camisa creme de tecido fino, que lhe davam a aparência de um cantor de boate decadente.

– Não deveria estar na porta, Ray?

O evento daquela noite era exclusivo para os Amigos de Celine, o grupo seleteo que havia pagado uma grana preta para fazer um cruzeiro com a “Médium Número Um dos Estados Unidos”, e Ray sabia, tão bem quanto a assistente, que Celine teria um chique se encontrasse algum penetra.

Ele deu de ombros.

– É, é. Escute: lembra quando a gente parou em Cozumel ontem?

– O que é que tem?

– Consegui que um garçom me passasse uma garrafa de tequila de primeira. Da boa.

Uma Amiga sentada mais perto deles girou sua poltrona e fez “shhh”. Maddie lançou um sorriso de desculpas e sibilou para Ray falar baixo.

– Não liga, não. É o seguinte: festa mais tarde na minha cabine. Você vai? Mais cabeças estavam se virando na direção deles.

– Sério, Ray, cale a...

– Pense nisso. – Ele deu um sorrisinho. – Vou pegar uma gelada enquanto a chefe faz o negócio dela.

Maddie o observou partir na direção do bar, dando uma conferida numa garçonete no caminho.

*Escroto.*

A atmosfera foi ficando tensa à medida que Celine chegava ao clímax da noite. Ela umedeceu os lábios e pôs a mão no peito.



– Estou captando... Quem é Caroline? Não, esperem... Katherine? Alguém com... É um C ou um K. Não... com certeza é Katherine. Kathy, talvez.

Maddie conteve uma pontada de culpa quando Jacob, um dos Amigos mais velhos, levantou-se cambaleante. Sentia um carinho por ele. Admirava seu estilo (ele costumava usar uma roupa social espalhafatosa) e não era tão intrometido quanto alguns outros. Celine havia fingido que estava doente durante boa parte do cruzeiro, praticamente sem mostrar o rosto nos vários encontros e coquetéis, por isso Maddie fora obrigada a substituí-la.

Parte de seu trabalho era paparicar os fãs de Celine, mas havia uma grande diferença entre trocar mensagens pela internet com os solitários e desesperados e enfrentar a carência deles ao vivo. Ouvir as esperanças dos Amigos de que Celine faria contato com seus entes queridos, parentes e, em alguns casos, animais de estimação falecidos tinha deixado Maddie exaurida.

– Kathy é minha irmã! – gritou Jacob.

– É isso que estou captando. – Celine assentiu. – Ela está se manifestando neste segundo. Ei... por que estou sentindo cheiro de peru? – Ela deu um risinho. – E torta de batata-doce. E das boas.

Jacob ofegou e enxugou os olhos.

– Ela desapareceu no fim dos anos 1970, mais ou menos no período de Ação de Graças. Ela... ela está em paz?

– Está. Deixou o mundo físico e foi para a luz. Quer que você saiba que, toda vez que pensa nela, a alma de Kathy está com você.

Jacob esperou por mais, porém Celine apenas abriu um sorriso brando para ele, que assentiu e se sentou.

Celine pôs a mão no peito outra vez.

– Estou captando... Está ficando difícil respirar. Há alguém aqui que... faleceu antes da hora. Estou falando de suicídio. É.

Leila Nelson, uma mulher ossuda com uma leve calvície, guinchou e saltou da poltrona.

– Ai, meu Deus! Meu marido se matou há dois anos.

– Quero que saiba que ele está se manifestando, querida. Qual é o problema com a respiração? Estou achando... Ele se asfixiou? Isso faz sentido para você? Sinto gosto de monóxido de carbono.

– Ai, meu Deus! Foi como ele se matou! Na garagem, no carro.

– No carro. – Celine fez uma pausa para deixar isso bem claro aos Amigos. – Qual é a importância de abril?

– Ele nasceu em abril.

– Então o aniversário dele era em abril. É, é isso que estou captando. É um homem alto... Está correto?

Leila hesitou.

– John tinha 1,72 metro.

– Para mim, isso é alto, querida – retrucou Celine, risonha. – Estou captando que... John estava infeliz no trabalho? Isso faz sentido?

– Faz! Ele perdeu o emprego. Depois disso, nunca mais foi o mesmo.

– E há algo relacionado aos sapatos dele?

– Ai, meu Deus! Ele era sempre meticuloso com os sapatos. Vivia engraxando-os desde que deixou os fuzileiros.

– É isso que estou captando. Um sentimento de que era uma pessoa muito meticulosa, exata. Esteja certa: ele quer que você não tenha dúvida de que o que aconteceu, o modo como ele morreu, não teve nada a ver com você. Ele precisa que você siga em frente com sua vida.

– Então ele não se incomoda com o fato de que vou me casar de novo?

*Merda.* Esse era um detalhe que Leila não havia mencionado no coquetel dos Amigos de Celine na noite anterior, mas a médium não se abalou.

– Esteja certa: ele sente orgulho porque você está muito bem.

– Mas ele era um homem tão ciumento! O que preciso saber é se ele...

– Querida, vou ter que interromper, pois Archie está chegando. – Celine levou a mão ao pescoço. – Sinto o peso dele. Está vindo com força.

Maddie conteve um tremor. Mesmo falso, Archie, o principal guia espiritual de Celine – um garoto de rua que supostamente havia morrido de tuberculose no fim do século XIX em Londres –, lhe provocava arrepios sinistros. Nos dias atuais, poucos médiuns canalizavam as vozes de seus guias, e em segredo Maddie achava que Celine parecia o ator Dick Van Dyke fazendo gargarejo com soda cáustica sempre que Archie “se manifestava”.

Celine fez uma pausa para causar um efeito dramático.

– Tem um cara aqui que quer bater um papinho com Juney – soou a voz de Archie.

Juanita, a Amiga que havia mandado Ray se calar, se pôs de pé num salto.

– Sou eu! Juney é meu apelido!

Celine voltou à sua voz normal:

– Juney, não se sinta mal por ter deixado a insulina fora da geladeira. Ele sabe que não foi de propósito.

Maddie sentiu arrepios nos braços. Juanita não dissera nada sobre insulina na noite anterior. Celine era adepta da leitura a frio, observava todas as reações de seus espectadores e também os induzia a revelar detalhes inconscientemente, mas aquele era um pormenor de exatidão incomum. Ela costumava se ater a generalidades.

Juanita franziu o rosto.

– Jeffrey? Jeffrey, é você?

Um facho de luz cortou a penumbra quando um homem passou pela porta do lado oposto do salão. Era vinte anos mais jovem do que os fãs comuns de Celine, usava jeans justos e botas, os braços cheios de tatuagens. Ray não notara o intruso; estava sentado de modo relaxado num banco, de costas para a porta.

– Celine del Ray! – gritou o sujeito, indo na direção do palco e apontando uma câmera de celular na direção dela. – Celine del Ray!

*Merda.* Uma semana depois de Celine ter assinado o contrato como celebridade convidada do cruzeiro, Maddie ficara sabendo pelo Twitter que poderia haver um blogueiro a bordo, e pelo jeito ele finalmente decidira aparecer.

– Quem é? – gritou Celine, estreitando os olhos para a plateia.

– Algum comentário sobre o fato de que Lillian Small está planejando processar você?

Um ofegar coletivo. Havia muitos obstáculos para que Maddie conseguisse chegar com facilidade ao sujeito e ela não podia contar com os garçons para intervir. Felizmente, Ray tinha percebido o que estava acontecendo e seguia na direção dele.

– Vocês conhecem a história, não é? – berrou o sujeito para os Amigos boquiabertos. – Essa suposta *médium*, essa *predadora*, bombardeou a Sra. Small com mensagens dizendo que sua filha e seu neto estavam vivos na Flórida, quando os testes de DNA provam que... – Sua voz falhou. – Provam que... – Ele levou a mão à boca. – Ah, *porra*.

O homem se virou, passou por Ray e saiu correndo. A porta dupla de vidro se fechou com um chiado atrás dele.

Ray olhou para Maddie e ela sinalizou para que ele seguisse o sujeito. Celine deu outro risinho, mas pareceu forçado.

– Ah, vou lhes dizer uma coisa: isso foi... Deem-me um minuto. – Ela tomou um gole de Evian da garrafa d'água que estava na bolsa da cadeira de rodas. Um silêncio inquieto tomava conta do salão. – Sabem, sempre haverá quem duvide. Mas só posso repetir o que os espíritos me dizem. Essa situação... sabem... Esperem... Estou captando outra coisa. Sabem, às vezes os espíritos chegam com tanta força que compartilho as experiências deles, sinto o que eles sentem. Estou captando... fumaça. Sinto cheiro de fumaça... Estou ouvindo... Alguém aqui perdeu um ente querido num incêndio? Isso aconteceu com alguém?

Ninguém respondeu. Maddie se remexeu.

– Poderia ser... É, sabem, estou sentindo cheiro de gasolina, pode ser um acidente de carro. Estou captando... Qual é a importância da I-90?

Um Amigo gritou que seu primo em segundo grau morrera numa colisão frontal naquela rodovia, anos antes. Maddie se permitiu respirar de novo. Ela viu Ray se esgueirar de volta para o salão e fazer um sinal de positivo. Verificou o celular. Faltavam cinco minutos para acabar. Aproximou-se de Celine, indicando que chegara a hora de encerrar. Era melhor que Ray fizesse a porcaria do seu trabalho e tirasse todo mundo dali o mais rápido possível. Os Amigos pegariam o final do jantar, por isso precisariam sair logo se não quisessem consumir lagosta borrachuda.

Celine desejou feliz ano-novo aos Amigos e soltou a ladainha de sempre sobre visitarem seu site, que contava com links para que comprassem seus onze livros. Maddie subiu depressa ao palco antes que a chefe pudesse ser engolfada por um tsunami de pessoas calorosas. A cadeira de rodas de Celine não era de fato necessária (ainda que ela fosse capaz de impeli-la com a habilidade de um atleta paraolímpico se algum fã com excesso de zelo ameaçasse se aproximar), porém naquela noite Maddie a considerou um elemento válido. De perto, a médium entregava sua idade: a pele com aparência de cera lembrava uma maçã esquecida na geladeira, os lábios tinham a cor de mortadela velha.

Maddie desconectou o microfone e o entregou ao técnico de som

antes que Celine se recuperasse e lhe desse uma bronca pelo vacilo do anúncio do sistema de alto-falantes.

– Tudo bem, Celine? – murmurou.

– Me tire daqui agora, porra.

– Celine? – Leila chegou até elas antes que Maddie pudesse intervir, com um exemplar da segunda parte da autobiografia da celebridade: *Médium das estrelas e mais além*. – Eu quis pedir ontem à noite, no coquetel, mas você ficou tão pouco tempo lá... Poderia autografar este livro?

Celine deu um sorriso gélido.

– Será um prazer, querida.

– Pode colocar “Para Leila, minha maior fã”? Eu tenho todos os seus livros. E-books e audiobooks também.

Maddie entregou uma caneta a Celine, procurando ver se Leila havia notado as mãos trêmulas da médium. Felizmente, ela estava ocupada demais olhando com fascínio para o rosto da celebridade.

– Você me ajudou tanto, Celine! Você e Archie, claro. – Leila apertou o livro contra o peito. – Você realmente me trouxe paz. John... não era o homem mais fácil do mundo e... Não sei como você consegue isso.

– É um dom de Deus, querida. Esteja certa: sua fé e seu apoio significam muito para mim.

– E você significa muito para mim. Aquele homem medonho que entrou aqui não tem...

– Celine está muito cansada – interrompeu Maddie. – Conectar-se com os espíritos é desgastante. Tenho certeza de que você entende.

– Ah, entendo, entendo – disse Leila, assentindo, fazendo uma reverência e correndo para perto dos outros Amigos no tumulto perto da saída.

Ray se aproximou.

– Desculpe por aquilo, Celine.

Os olhos da médium – já com as pálpebras meio caídas por causa de uma plástica malfeita nos anos 1980 – se estreitaram.

– É mesmo? Que droga, Ray! Eu pago a você para *isso*?

– Como eu ia saber que ele apareceria aqui? Eu verifiquei todo mundo.

– Você deveria estar na porcaria da porta, Ray.

– Celine, eu já admiti que fiz merda. Não vai acontecer de novo.

A médium bufou.

– Não vai mesmo. Para onde ele foi, afinal?

– Correu para o banheiro. Parecia que ia vomitar.

O estômago de Maddie se revirou. Depois de fazer a asneira de ler uma denúncia no *Huffington Post* sobre vírus em navios, só conseguia suportar a viagem lavando as mãos em todas as oportunidades e tomando suplementos probióticos feito uma viciada. Isso explicava por que eles não tinham sido perseguidos pelo blogueiro antes. Ele devia estar enfiado na cabine pondo os bofes para fora durante todo o cruzeiro.

– Quer que eu acompanhe você até a cabine? – perguntou Ray.

– É uma suíte – reagiu Celine rispidamente. – Não, saia da minha frente. Madeleine pode fazer isso.

Ray assentiu, arrasado, e se afastou sem graça. Maddie sabia muito pouco sobre a vida pessoal dele, mas seu colega havia mencionado algo sobre pagar pensão a uma de suas ex. Ray podia ser mulherengo e papo-furado, mas ela quase sentia pena do colega: ele teria sorte se continuasse com o emprego quando chegassem a Miami. Os guarda-costas de Celine nunca duravam muito.

– Malditos blogueiros e jornalistas disfarçados – disse Celine, irritada, girando uma das mãos no ar para indicar que deveriam seguir em frente.

– Faça isso há quarenta anos. É meu dom divino...

Maddie deixou Celine reclamar enquanto manobrava a cadeira de rodas pela saída de serviço, pestanejando no momento em que os olhos foram golpeados pelos letreiros de néon dourados e cor-de-rosa espalhados por todo o convés Passeio dos Sonhos. Passageiros a caminho do jantar seguiam em direção à escadaria. Funcionários jovens usavam shorts brancos apertados e camisetas com os dizeres “Foveros = Diversão! Diversão! Diversão!”, sacolejando ao som de calipso e vendendo asas de anjo e chifres de diabo feitos de plástico para a festa de ano-novo, cujo tema era Céu e Inferno. Maddie não tinha intenção nem mesmo de chegar perto das festividades. Planejava colocar Celine na cama, pedir um queijo-quente para o serviço de quarto – sentiu um embrulho no estômago ao pensar na gororoba produzida em massa para o salão de jantar e os bufês – e depois ir para a pista de corrida acima do convés Balneário. Ainda não tinha conseguido uma folga para correr seus 8 quilômetros naquele dia.

Um trio de homens parrudos com halos fluorescentes presos nas cabeças raspadas veio na direção delas enquanto Maddie entrava com Celine no elevador – como sempre, dava para sentir um leve cheiro de vômito. Apertou com o cotovelo o botão para o convés Varandas e afastou Celine da mancha úmida no carpete. Uma versão em reggae de “Rehab” tocou durante a subida pelo átrio; as laterais de vidro revelavam gradualmente o saguão e os bares abaixo.

– Meu Deus, preciso de uma bebida – disse Celine.

– Estamos quase chegando.

Maddie puxou a cadeira de rodas para fora do elevador e foi na direção dos aposentos VIP. Duas mulheres idosas e risonhas se espremeram contra a parede do corredor para deixá-las passar. Maddie deu um sorriso luminoso para elas, compensando o carrancudo “ok” com que Celine respondeu aos votos de feliz ano-novo. Acenou para Althea, a camareira daquele convés, que saía de uma suíte vizinha com um punhado de toalhas embaixo do braço.

– Boa noite, Sra. Del Ray e Maddie! – exclamou Althea. – Precisam de alguma coisa?

Celine a ignorou, mas o sorriso da camareira não se alterou. Maddie não fazia ideia de como ela se mantinha tão animada depois de arrumar a sujeira de gente escrota feito a médium. A maioria dos funcionários emanava uma jovialidade exaustiva (obviamente falsa), mas Maddie tinha certeza de que o constante bom humor de Althea não era fachada.

Depois de passar o cartão do quarto várias vezes até a luz verde enfim brilhar na fechadura, Maddie empurrou a cadeira para a estreita área de entrada e conduziu Celine em direção à varanda e à sua coleção de bebidas.

A médium apontou para a TV com a mão que lembrava uma garra.

– Pelo amor de Deus, mude a porcaria do canal. Quantas vezes eu disse para aquela mulher desgraçada não mexer nisso?

Na tela, Damien, o diretor do cruzeiro – um australiano com o olhar fixo de alguém perigosamente bipolar –, estava outra vez fazendo sua ronda pelo navio. Maddie zapeou, passando por uma paródia do fracassado candidato republicano Mitch Reynard no *Saturday Night Live* e por um canal de compras em que duas mulheres de meia-idade alardeavam

um paletó de dupla face. Por fim, deteve-se numa imagem dos momentos que precediam a descida da bola na Times Square. Sem que a chefe lhe pedisse, colocou gelo num copo e lhe serviu um uísque duplo.

Celine o arrancou de sua mão e tomou um gole.

– Meu Deus, assim está melhor. Você é uma boa garota, Madeleine.

Maddie revirou os olhos.

– Eu ouvi direito?

– Archie falou que você está pensando em se demitir.

– Celine, eu sempre penso em me demitir. Talvez não fizesse isso se você parasse de me chamar de “vaca inútil”.

– Você sabe que não falo sério. – Ela gesticulou para a televisão. – Não preciso ser lembrada de que mais um ano acabou. Ponha um dos meus filmes.

– Qual?

– *Uma linda mulher*.

Maddie conectou o HD externo e procurou no menu até encontrar a pasta de Julia Roberts. Ainda não conseguia conciliar a visão amarga de Celine sobre a vida com seu vício pelas comédias românticas. Havia perdido a conta do número de poltronas de motel puídas em que ficara sentada esperando a chefe cair no sono enquanto *Harry e Sally* ou *Surpresas do coração* chegavam a seus previsíveis finais.

Celine chacoalhou o copo, indicando que queria mais.

– E então... O que vamos fazer com relação ao Ray?

– Você é a chefe.

– Você sabe que ele tem uma queda por você, Madeleine.

– Ele tem uma queda por qualquer coisa que tenha vagina. Ray só pensa com o pau.

Celine suspirou.

– Eu sei. Os bonitinhos sempre são assim. Ele terá que ir embora. Mas isso não resolve o seu problema, não é?

– Eu tenho algum problema?

– Você precisa de um homem na vida, Madeleine. Já é hora de deixar o passado para trás.

– Não me venha com isso de novo. Que diabo eu vou fazer com um homem?



Celine deu uma risada.

– Bom, se eu preciso dizer...

– Pode me dizer como eu conseguiria manter um relacionamento se fico fora com você nove meses por ano?

– É, claro, culpe a velha. Você deveria ir à festa hoje à noite. Ver se consegue agarrar um daqueles tripulantes de calça branca justa. Quanto tempo faz? Você sabe, desde a última vez que...

– Não é da sua conta.

– Isso não é resposta. Quer que eu pergunte ao Archie o que ele...

– Chega de assuntos pessoais, Celine.

– Só acho que você merece uma vida melhor.

– Posso usar o seu banheiro?

Caso ela se demorasse lá, com sorte Celine apagaria diante do filme e Maddie poderia sair sem ouvir mais baboseiras.

– Pode ir.

Maddie fugiu para o banheiro e trancou a porta. Era três vezes maior do que o da sua cabine, com uma banheira de hidromassagem e uma pirâmide de toalhas brancas enroladas. Sentou-se na tampa do vaso e esfregou as têmporas. Graças àquele cara tatuado, Celine ficaria emburrada por pelo menos uma semana. E, sem dúvida, o vídeo que ele havia feito já devia ter diversas visualizações na internet. A médium só aceitara o contrato com o cruzeiro para se afastar da agitação depois da situação desastrosa envolvendo Lillian Small, mas ela e a assistente sabiam que o tiro poderia sair pela culatra.

Depois que a bomba explodira, Maddie nunca dissera “Eu avisei”. Tinha aconselhado Celine a não participar do programa de Eric Kavanaugh em memória da Quinta-Feira Negra – o apresentador era famoso por alfinetar paranormais, cientologistas e espiritualistas. Além disso, Celine fizera parte do denegrado “Círculo de Paranormais”, que se reuniu para “usar sua energia conjunta” com o objetivo de descobrir as causas aparentemente misteriosas dos quatro acidentes de avião ocorridos em 2012.

Kavanaugh detonou alegremente os paranormais quando a Agência Nacional de Segurança dos Transportes divulgou os resultados da investigação e ficou claro que eles haviam errado todas as afirmações. Para

dizer a verdade, Celine ficara calada por um tempo, mas então surgiu o assunto da queda do avião na Flórida. Maddie ainda não fazia ideia do que tinha dado em sua chefe para insistir que Lori Small e seu filho, Bobby – dois passageiros a bordo da aeronave que mergulhara nos Everglades –, estavam vivos. Mesmo quando amostras de DNA dos dois foram descobertas no meio dos destroços, a médium continuou a proclamar que ambos vagavam pelas ruas de Miami, sofrendo de amnésia. Ela foi longe demais. Tragicamente, a mãe de Lori, Lillian Small, investira todas as economias contratando detetives particulares para seguir essa pista duvidosa, e agora um advogado empreendedor assumira a defesa dela e atacava Celine.

Não era a primeira vez que Celine errava – mas com certeza era o seu erro mais famoso. Bom... Maddie não estava sendo totalmente justa, não é mesmo? De vez em quando a médium *acertava*. Para começo de conversa, havia a revelação ocorrida naquela noite sobre a insulina (mas talvez Ray tivesse dado essa informação; ela precisaria verificar). Sabia que Celine devia acertar alguns fatos que não eram passados pela assistente ou qualquer ex-policial desafortunado que ela contratasse para fazer o papel de guarda-costas, mas, ainda assim, isso a deixava desconfortável. Mas desta vez a culpa – que em geral conseguia esconder – a incomodava. Causava-lhe aflição. Era um erro conhecer os Amigos. Talvez devesse se demitir. *E fazer o quê?* Um trabalho de bosta recebendo um salário mínimo era o melhor que poderia esperar com seu currículo. Sempre poderia voltar para a Inglaterra com o rabo entre as pernas. Sua irmã adoraria: *Eu avisei, Maddie, eu avisei que tudo ia acabar em lágrimas.*

– Desmaiou aí dentro? – gritou Celine.

– Estou indo!

Era demais ter esperanças de que Celine dormisse... Já ia se levantar quando o chão estremeceu, obrigando-a a se agarrar ao suporte de papel higiênico. Seus joelhos começaram a chacoalhar, uma vibração intensa zumbia sob os pés. As luzes piscaram, houve uma longa aspiração mecânica e depois... silêncio.

Com o coração acelerado, Maddie destrancou a porta e saiu correndo para a suíte.

– Celine? Acho que tem alguma coisa errada com o navio.

Maddie esperava que a chefe fosse responder algo como “Você tem toda a razão: ele é um buraco de merda”. Porém, a cabeça de Celine estava tombada para a frente e os braços pendiam inertes nas laterais da cadeira. O copo caíra no carpete, depois de provavelmente escorregar dos seus dedos.

Na tela, Richard Gere dirigia seu carro pelo Hollywood Boulevard. Então a televisão se apagou.

– Celine? Celine, você está bem?

Não houve resposta.

Maddie avançou sorrateiramente e tocou a pele flácida do antebraço de Celine. Nenhuma reação. Contornou-a para encará-la e se ajoelhou.

– Celine?

Sem levantar a cabeça, a médium inspirou fundo e começou a cantarolar uma música animada, lembrando um jazz, que fez Maddie pensar em Lizzie Bean, outra guia espiritual de Celine, que era menos verborrágica.

– Celine? – Estava ficando difícil engolir a saliva. – Ei... Acorde, Celine.

A médium ergueu a cabeça com uma expressão de terror tão intensa que Maddie soltou um gritinho e caiu para trás, sobre os calcanhares.

– Meu Deus!

Maddie saltou de pé, com a intenção de correr até o telefone, mas então as luzes se apagaram de novo e ela cambaleou no momento em que o navio adernou para a esquerda. Lutou para controlar a respiração. Quando já estava se acalmando, uma voz cortou o silêncio:

– Vou te contar, velhota – disse Archie, rindo. – Isso vai ser divertido.

## O CONDENADO

Gary pressionou a testa contra a parede, tremendo enquanto a água fria escorria pelas costas. A pele da barriga e da parte interna das coxas ardia nos pontos em que ele se esfregara com a lixa de unhas de Marilyn; as pontas dos dedos estavam bastante enrugadas. Demorava-se no banho por quase uma hora e o fedor de produtos químicos se tornava insuportável – tinha usado todo o sabonete líquido oferecido pelo navio e ainda o xampu de Marilyn para lavar as roupas usadas na noite anterior, pisoteando-as como um produtor de vinho descontrolado. Elas estavam emboladas no canto do boxe: sem água sanitária não havia como garantir que não tivessem algum traço do DNA de sua garota. Precisaria jogá-las no mar o quanto antes.

*Concentre-se na água. Pense no frio.* Mas não estava dando certo; os pensamentos sinistros se esgueiravam de volta. Marilyn engolira sua desculpa da dor de estômago, mas ele duvidava que ela o deixasse escapar das festividades da noite, a não ser que estivesse às portas da morte. Pensou enfiar o dedo na goela e forçar o vômito para que Marilyn ouvisse, mas estava tão consumido pela ansiedade que talvez nem precisasse forjar nada.

Àquela altura, já deviam ter encontrado sua garota. Os camareiros eram meticulosos, arrumavam as cabines duas vezes por dia, e fazia mais de doze horas desde que ela...

Um ribombar sob os pés, uma sacudida. A água do chuveiro falhou e Gary abriu os olhos para o negrume. Por um segundo se convenceu de que tinha ficado cego – *castigo de Deus!* –, mas em seguida a vibração se irradiou pelas solas de seus pés e ele percebeu que havia algo errado com o navio. Fechou o registro, procurou uma toalha e apurou os ouvidos. O zumbido do ar-condicionado sumira e sua cabeça pareceu mais leve de algum modo, como se por fim ele conseguisse raciocinar. Tateou pela

pia à procura dos óculos, depois saiu do banheiro. Esperou que os olhos se acostumassem à escuridão, mas, claro, isso não aconteceria. Não havia luz natural na cabine, pois Gary sempre pegava uma das mais baratas, internas. Um bipe de alarme soou várias vezes, houve uma mensagem ininteligível cheia de estática, então um anúncio:

– Bom dia, senhoras e senhores. Aqui é Damien, o diretor do seu cruzeiro. Só quero avisar que estamos com um problema elétrico. Não há motivo para pânico. Para sua segurança, por favor retornem às cabines e esperem outras instruções. Obrigado. Como eu disse, não há motivo para pânico. Em breve traremos mais detalhes.

Gary se esgueirou até a porta e a abriu. Um sujeito sem camisa, usando chifres de diabo feitos de plástico, virou a esquina com uma mulher de biquíni e sandálias douradas de salto alto rindo atrás dele. Quando chegaram mais perto, as luzes de emergência no chão deixaram a pele dos dois com uma sinistra cor esverdeada. O piso se inclinou e Gary deu um passo atrás, deixando a porta bater. A saliva inundou sua boca. Lá fora, portas bateram, uma mulher berrou, alguém gritou “porra, Kevin, saia da frente”.

Foi então que Gary voltou até a cama arrastando os pés, encolhendo-se quando as luzes se acenderam de novo. Estavam muito mais fracas do que o usual e inundavam a cabine com um brilho doentio. A água escorria nos pelos de suas pernas e agora o pânico era tão intenso que ele quase podia vê-lo se materializar na sua visão periférica.

Era só um pequeno defeito mecânico, acontecia o tempo todo, a Foveros era famosa por isso. E mesmo que tivessem encontrado a garota, a última coisa que fariam seria parar o navio. Não. Só estava deixando a paranoia tomar conta dele outra vez. Apertou o pulso, procurando as batidas fracas, obrigou-se a contar de trás para a frente, começando no cem. Depois de novo. E de novo. Ótimo. Estava ficando mais fácil respirar.

O trinco estalou, a porta se abriu com um estrondo e Marilyn entrou intempestivamente.

– Gary! Você está aqui!

*Fale.*

– Onde mais eu estaria?

– Querido, acho que a gente deveria sair daqui. Ir para o ponto de encontro de emergência. Eu poderia jurar que senti cheiro de fumaça.

– Damien falou que a gente deveria ficar nas cabines.

– Ouviu o que eu disse? Senti cheiro de *fumaça*, Gary. – Ela estava sem fôlego, o rosto chato brilhando de suor. – Os elevadores pararam de funcionar, deve ter gente presa lá dentro. O que você acha que aconteceu?

– Algum defeito mecânico. Nada sério, você vai ver.

Sua voz soava instável, mais aguda do que o normal, mas Marilyn não pareceu notar. Não era uma pessoa muito observadora – um dos motivos para ele ter se casado com ela.

Marilyn estreitou os olhos.

– Querido... por que você não está vestido?

– Estava no chuveiro.

– De novo? Com tudo isso acontecendo?

*Respire fundo, não perca a cabeça.*

– Eu estava no chuveiro quando tudo aconteceu.

– E acha mesmo que não é nada sério?

– Acho. Lembra-se do que aconteceu com *O Belo Prodígio*? Eles consertaram num instante.

– Ah. É verdade... Ainda acho que a gente deveria sair. Paulie e Selena disseram que vão nos esperar no décimo primeiro. Lembra, querido, nosso ponto de encontro é lá.

– Quem diabos são Paulie e Selena?

– São o casal mais bonitinho que existe. Nós conversamos no jantar. Eu decidi ir ao bufê Balneário em vez de ir ao Paisagens de Sonho, se bem que as filas no balcão de massas estavam enormes! Foi assim que começamos a conversar, na fila. Estávamos sentados no convés Tranquilidade quando aquilo aconteceu. E, querido, você nunca iria adivinhar...

– O quê?

Ele se esforçou ao máximo para demonstrar interesse. As bochechas ardiam.

– Eles são viajantes Prata da Foveros, como nós, e estiveram no *Belo Desejo* no ano passado, na rota das Bahamas, só uma semana depois da nossa viagem.

– Incrível.

– Não é? Foi o que eu disse. Eles ficaram preocupados de verdade quando falei que você estava se sentindo mal.

Típico de Marilyn: sua missão era se relacionar com o maior número possível de estranhos no cruzeiro que faziam anualmente. A maioria de suas novas amizades durava pouco, já que ela era tão volúvel. Gary brincou com a ideia de perguntar se Marilyn havia notado sua ausência de manhã cedo. Não seria tão incomum; ele vinha fingindo insônia durante anos e ela ainda não estranhara sua desculpa de que a única forma de curá-la era sair para um passeio. Mas aquilo era diferente. Se Marilyn tivesse acordado de madrugada e descoberto que Gary saíra, será que estaria preparada para lhe fornecer um álibi? Ele não tinha certeza. Visualizou-a sentada no tribunal, soluçando ao dizer que não fazia ideia de que havia se casado com um monstro.

– Gary!

– Ahn?

– Eu disse “ainda acho que a gente deveria sair”. Você não vai colocar uma roupa?

– Vá indo. Eu vou depois.

– Mas e se...

– Vá, Marilyn.

– Não precisa ser grosso comigo.

*Recue.*

– Vai dar tudo certo, docinho. Coisas assim acontecem o tempo todo em cruzeiros.

– Mas eu preciso de você, Gary.

– Querida, ainda estou me sentindo uma eca.

Ele se encolheu diante da palavra, típica de Marilyn, mas a estratégia funcionou.

– Ah, Gary, eu nem perguntei como você estava...

– Vomitei de novo, precisei usar seu xampu para limpar minhas roupas.

– Ah, docinho, não se preocupe.

Gary parabenizou a si mesmo em pensamentos.

– Agora vá, encontre seus amigos e não se preocupe comigo. Damien não diria para ficarmos nas cabines se houvesse perigo de verdade.

– Tem certeza?

– Tenho. Se eles falarem para irmos até os pontos de encontro, eu acho você.

– Certo. Odeio deixar você aqui, é só que... Acho que eu não conseguiria ficar aqui embaixo.

Ela fez menção de abraçá-lo, mas ele se inclinou para trás, apoiando-se nos cotovelos.

– Melhor não. Posso passar para você.

– Você é tão sensato! Sabe para onde ir, não é, docinho?

– Uhum. Eu me sinto muito melhor sabendo que você está em segurança.

Gary quase gritou de alívio quando ela saiu.

*Agora, pense com frieza e com calma. Repasse tudo de novo e, desta vez, não perca as estribeiras.*

Ele havia jogado o resto dos comprimidos no vaso do banheiro masculino do lado de fora do Lounge Sandman, portanto só restavam as roupas, as luvas e o boné. Ia se livrar de tudo isso facilmente durante a festa, quando todo mundo estivesse comemorando. Mas... e se cancelassem as festividades? Isso dependeria da resolução rápida do problema mecânico, ou do que quer que fosse. Eles com certeza resolveriam. Gary não precisava se preocupar.

Em seguida... Será que os amigos dela se lembrariam dele? Gary não havia atraído atenção nem tinha falado com sua garota no bar e se orgulhava da própria aparência, supercomum. Devido a anos de estudos cuidadosos, sabia que as pessoas tendiam a se fixar em características óbvias: bigode, óculos, roupas espalhafatosas, andar manco. As câmeras de segurança e os sistemas de reconhecimento facial não deveriam ser problema: ele havia mantido a cabeça baixa enquanto a acompanhava até a cabine dela e o boné escondia a calvície. Quando conseguisse se livrar das roupas, não haveria como identificá-lo. De qualquer modo, sua camisa esporte azul-marinho, simples, e a bermuda cáqui não eram particularmente chamativas e até poderiam ser confundidas com o uniforme usado pelos funcionários de nível mais baixo.

Tudo certo.



Mas por que ainda estava com a sensação de ter esquecido algo? *Pense*. Então o detalhe o acertou como um balde de água fria: o aviso de “Não perturbe: estou num cruzeiro contando carneirinhos”. Teve uma sensação nauseante de que já havia tirado as luvas cirúrgicas quando o pendurou na maçaneta. Ah, meu Deus. Seu DNA e suas digitais estariam ali. Será que tocara nele ao passar?

Sim. Não. Como explicaria o que estava fazendo no andar dela? A cabine ficava no piso logo acima, mas na metade de um corredor que não levava a lugar nenhum.

Era o castigo por ter se desviado do plano. Tudo deveria ter acontecido aquela noite, na véspera do ano-novo, quando todo mundo estaria bêbado e ocupado. Em geral ele era cuidadoso demais. A precisão em pessoa. Nunca se arriscava. Não era relaxado. Tinha um sistema. Mas ali estava ela, sozinha no bar, olhando pensativa para os amigos que dançavam e flertavam com o resto do grupo de solteiros. Era uma chance boa demais para deixar passar. Gary cederia à tentação e agora precisava pagar. Havia um motivo muito bom para ele sempre entrar em ação na última noite do cruzeiro: o caos de passageiros saindo do navio na manhã seguinte implicava maiores chances de escapar sem suspeitar. A maioria das suas garotas só se lembrava totalmente do que tinha acontecido muito mais tarde. Dias, até mesmo semanas. E, a essa altura, era tarde demais. Além disso, ele havia lido em incontáveis fóruns que o pessoal da segurança estava preparado para convencer as vítimas de agressões sexuais a bordo a não denunciá-las. A última coisa que a Foveros desejava era mais publicidade negativa.

Mas se eles a *tivessem* descoberto seriam obrigados a investigar. A Foveros já tinha uma reputação ruim com relação à segurança e existiam todas aquelas acusações de que a companhia não cumpria com as exigências de higiene. Eles seriam imbecis se tentassem esconder isso.

O que dera nele?

Talvez Gary tivesse sido tomado por uma falsa sensação de segurança, porque até então tudo vinha acontecendo muito bem. No primeiro dia, ficava sempre bastante atencioso com Marilyn, chegando cedo e marcando hora no spa, de modo que a mulher estivesse ocupada enquanto ele fazia a varredura preliminar das passageiras. Os cruzeiros de ano-novo

da Foveros sempre atraíam várias solteiras ansiosas e Gary não era exigente com relação à idade. Preferia mulheres ligeiramente rechonchudas, louras ou ruivas. Ninguém que tivesse uma autoconfiança muito evidente; um perfil mais de seguidora do que de líder. Ao longo dos anos, passara a escolher o patinho feio da festa, a que ficava segurando vela, a madrinha chamada de última hora na despedida de solteira. Em geral, havia centenas de inglesas aproveitando as cabines em promoção e os coquetéis baratos. Eram mais festeiras do que as americanas e, na opinião dele, costumavam ter autoestima mais baixa.

Tinha visto sua garota naquela noite durante o happy hour do Lounge Sandman, observou-a com o canto do olho enquanto Marilyn ficava cada vez mais bêbada com Mai Tais pela metade do preço. Gary sempre ficava pasmo ao pensar em como reconhecia suas garotas de imediato, como se chamassem por ele. Aquela era bem do seu tipo, de 15 a 20 quilos acima do peso, cabelo louro oleoso, pairando ao redor de um grande grupo de pessoas de 30 e poucos anos, rindo das piadas como se não estivesse à vontade. No segundo dia, viu-a na fila da pizza, as coxas e os ombros num vermelho vivo devido à exposição exagerada ao sol, e ficou ainda mais óbvio que ela estava sendo deixada de lado pelo resto do grupo. Gary se regozijou com o vazio nos olhos da mulher. Outra peça se encaixou quando a garota pediu licença e ele foi atrás, mantendo distância. Ela se dirigiu para a cabine, pegando a escada, e não o elevador. Gary anotou o número da cabine – M446 – e passou direto.

E na noite passada, bem... foi quase como deveria ser. Quando eles retornaram ao navio depois do dia em Cozumel, Marilyn estava exausta. Haviam participado de uma excursão num resort seguida por um passeio por umas chatíssimas ruínas maias – Marilyn tinha reclamado do calor e dos mosquitos o tempo todo, assim como a maioria dos colegas de cruzeiro. Exaurida com a quantidade incomum de exercícios, ela caíra no sono assim que chegaram ao *Belo Sonhador*. Gary se esgueirou para fora, pretendendo apenas continuar com o reconhecimento e ter certeza absoluta de que a garota escolhida era A Certa.

E ali estava ela, esperando-o.

Gary sempre andava com suas ferramentas: não seria bom Marilyn

encontrar a bolsinha de apetrechos. Foi fácil entrar no banheiro masculino, guardar os óculos no bolso e colocar o boné. Foi fácil verificar que o barman e os clientes ao redor estavam preocupados com outras coisas. Foi fácil colocar o comprimido no copo do coquetel dela. Foi fácil ficar para trás e observá-la perder o foco. Foi fácil esperar até que ela saísse cambaleante. Foi fácil vê-la oscilar até o elevador enquanto ele ia até o andar dela pela escada. Foi fácil segui-la pelo corredor, sentindo a pulsação acelerar, a ansiedade fervilhando na genitália. Foi fácil dar uma mãozinha quando ela pareceu desajeitada com o cartão da porta. Foi fácil abrir caminho com o ombro, murmurando que estava ali para ajudá-la. Foi fácil...

Gary deu um pulo quando sete bipes ecoaram no sistema de alto-falantes, seguidos por mais uma mensagem:

– Bom dia, senhoras e senhores. Aqui é Damien, o diretor do seu cruzeiro, outra vez. Agora estamos pedindo que se dirijam com calma e atenção aos pontos de encontro. Isto não é um exercício, mas não há motivo para pânico. Os tripulantes estarão à disposição para ajudá-los a encontrar seus pontos, indicados claramente na porta das cabines e em seus Cartões de Diversão Foveros. Repito: não há motivo para pânico. Sua segurança é nossa principal preocupação.

O som de vozes altas, portas batendo e pés correndo veio do corredor. Gary não se mexeu; apenas prestou atenção enquanto o caos lá fora ia diminuindo.

Contou de cem para trás outra vez. Tinha chegado ao cinquenta quando ouviu alguém – talvez uma camareira – batendo às portas. Os dedos dele doíam de tanto flexioná-los. Sua barriga doía. Será que deveria se esconder? Poderia se espremer no guarda-roupa. Mas e se a camareira tivesse recebido ordens de revistar toda a cabine? Não seria nada bom se ele fosse encontrado escondido num armário.

A garota deveria ter sido a número quatro. Seu número da sorte.

Gary a havia ajudado a ir para a cama. Ela não disse grande coisa, apenas murmurou que estava passando mal, algo assim. Tombou de costas, com os olhos vítreos. Quando o rosto dela ficou flácido, ele começou. A princípio, não se permitiu tocar, apenas olhou. Então, com suavidade, passou as mãos pelas coxas, pelos seios e pelo tronco. A mulher

usava um short justo e uma blusa de alcinhas, que ele tirou, revelando um sutiã cor de carne. Precisaria virá-la para abri-lo; já ia fazer isso quando a garota tossiu e gorgolejou. Ele pulou para trás no instante em que ela vomitou. A mulher estremeceu, tossiu de novo. Ela estava engasgando. Ele...

Batidas em sua porta. Ficou sentado, completamente imóvel. Mordeu a língua, aguardando, mesmo sem esperanças, que a pessoa fosse embora. O trinco estalou, a porta se abriu e um asiático enfiou a cabeça. Não era a camareira, uma jovem filipina bonita por quem Marilyn sentira uma aversão instantânea.

- Está passando mal, senhor? Não me ouviu bater à porta?
- Não. Estou bem. Só cansado.
- O senhor precisa ir para o seu ponto de encontro. Sabe chegar lá?
- Vocês estão verificando todas as cabines?
- O camareiro franziu a testa.
- Gary nem podia acreditar que dissera algo tão idiota.
- Para garantir que todo mundo esteja em segurança...
- Ah, sim, senhor. A segurança dos senhores é importante para nós.
- Preciso me vestir.
- Por favor, depressa, senhor. Eu voltarei.

Então essa era a situação. Se ela não tivesse sido encontrada, se por algum milagre seus amigos ou o camareiro ainda não a tivessem descoberto, agora não havia chance de aquilo permanecer em segredo. Ele vestiu uma bermuda e uma camisa, tentando não pensar nas roupas encharcadas no canto do boxe. Inspirou fundo e enfiou os pés nos chinelos.

Sua única chance era ser cara de pau.

Nem tinha verificado se ela ainda estava viva, mas sabia, bem no fundo, que não. Sua garota havia engasgado até morrer enquanto Damien tagarelava na TV, as costas da mão dela batendo no colchão, *tap, tap, tap*, “... não se esqueçam de aproveitar nossas apresentações de stand-up no Lounge Sonhador das Estrelas...”, *tap, tap*, “... e, por tempo limitado, relógios Xenus serão vendidos com incríveis quarenta por cento de desconto...”. Após vários minutos insuportáveis, brotou um som da garganta dela. Não era bem um ruído agonizante e, sim, um sibilo. Uma

exalação final, derrotada. Sem pensar nas implicações do que fazia, Gary usou o pé para rolar a garota da cama de casal até o espaço entre ela e a parede, e jogou a colcha em cima.

Esse havia sido seu maior erro. Agora eles saberiam com certeza que alguém estava envolvido. Se a tivesse deixado na cama, provavelmente atribuiriam a morte ao excesso de álcool.

Esgueirou-se para o corredor deserto e acenou para o camareiro, que verificava as últimas cabines e enfiava cartões vermelhos nas fendas das fechaduras.

– Obrigado por esperar! – gritou Gary. – Desculpe se causei algum problema.

Ótimo, sua voz soara calma, controlada. *O homem que encontrei não pareceu ansioso nem culpado*, imaginou o camareiro dizendo ao chefe da segurança – ou, que Deus não permitisse, ao FBI, à Scotland Yard ou a qualquer agência que tivesse a tarefa de investigar a morte de passageiros ingleses.

– Sem problema, senhor. Por favor, apresse-se. Seu colete salva-vidas está lá, no ponto de encontro.

Gary caminhou rigidamente para a escada, com os chinelos fazendo *flop-flop* no carpete. Estava mais escuro ali. Devido a incontáveis mãos, os corrimões de metal da escada estavam até quentes. Ele fungou. Marilyn tinha razão: havia um odor de fumaça vindo de baixo. Apressou o passo, hesitando ao chegar ao andar de sua garota.

Seria fácil demais virar depressa a esquina e olhar do corredor para a cabine dela. Deu dois passos na direção do lance seguinte, depois girou e correu de volta para a entrada do convés. Sentiu um embrulho no estômago de novo – não conseguia acreditar no que estava fazendo, mas algo o havia dominado e ele não conseguia parar.

Os cartões vermelhos indicando as cabines desocupadas estavam em diversas portas. O corredor parecia se estender, como numa ilusão de ótica, com o final mergulhado na escuridão. Gary o atravessou rapidamente, parando ao ver o cartão vermelho inserido na porta de sua garota.

Alguém tinha verificado a cabine. Se a haviam encontrado, ele esperaria ver um segurança presente, a não ser que a tripulação já estivesse

engajada em acobertar a morte. *Ou talvez ela não esteja morta, afinal. Pode estar na enfermaria, grogue, tentando entender os acontecimentos da noite.* Voltou, movendo-se o mais rápido possível, e só quando chegou à escada se deu conta: tinha esquecido de esconder o rosto das câmeras de segurança.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](https://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)